

## DESAFIOS E INFLEXÕES PARA O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO DIANTE DO APROFUNDAMENTO DA CRISE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

### CHALLENGES AND INFLECTIONS FOR BRAZILIAN SOCIAL SERVICE IN FACE OF THE DEEPENING OF THE CONTEMPORARY CAPITALIST CRISIS

### DESAFÍOS E INFLEXIONES PARA EL SERVICIO SOCIAL BRASILEÑO ANTE LA PROFUNDIDAD DE LA CRISIS CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA

 Flávio José Souza Silva<sup>1</sup>

1. Graduação em Serviço Social (UEPB), Mestrado em Serviço Social (PPGSS/UEPB), Doutorando em Serviço Social (PPGSS/ESS/UFRJ) E-mail: souza.flavio@servidor.uepb.edu.br

**ABSTRACT:** This article seeks to understand the challenges and inflections for Brazilian Social Service from the deepening and confluence of the capitalist crisis with the health crisis and the political crisis in today's society. It analyzes how the crisis of capitalism has impacted the most vulnerable layers of Brazilian society in an unequal and combined way, highlighting characteristics of Brazilian dependent capitalism, which is structured by slavery, patrimonialism, patriarchy, and genocide, as foundations of our social and historical formation. Furthermore, it discusses the manifestation of the organic crisis of capitalism in its late phase in contemporary ideological and political relations. The article also highlights the challenges and inflections faced by Brazilian Social Services in the face of this complex scenario, highlighting the importance of resistance and the construction of alternatives to stop the barbarity of capital.

**Keywords:** Capitalist Crisis; Contemporary; Dependent Capitalism; Social service; Inflections and Challenges.

**RESUMO:** Este artigo busca apreender os desafios e inflexões para o Serviço Social brasileiro a partir do aprofundamento e confluência da crise capitalista com a crise sanitária e a crise política na sociedade atual. Analisa como a crise do capitalismo tem impactado de forma desigual e combinada as camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira, evidenciando características do capitalismo dependente brasileiro, que é estruturado pelo escravismo, patrimonialismo, patriarcado e o genocídio, como fundamentos da nossa formação social e histórica. Além disso, discute a manifestação da crise orgânica do capitalismo em sua fase tardia nas relações ideológicas e políticas contemporâneas. O artigo também destaca os desafios e inflexões enfrentados pelo Serviço Social brasileiro diante desse cenário complexo, ressaltando a importância da resistência e da construção de alternativas para barrar a barbárie do capital.

**Palavras-chave:** Crise Capitalista; Contemporaneidade; Capitalismo Dependente; Serviço Social; Inflexões e Desafios.

**RESUMEN:** Este artículo busca comprender los desafíos e inflexiones para el Servicio Social brasileño a partir de la profundización y confluencia de la crisis capitalista con la crisis sanitaria y la crisis política en la sociedad actual. Analiza cómo la crisis del capitalismo ha impactado de manera desigual y combinada a las capas más vulnerables de la sociedad brasileña, destacando características del capitalismo dependiente brasileño, estructurado por la esclavitud, el patrimonialismo, el patriarcado y el genocidio, como fundamentos de nuestra formación social e histórica. Además, analiza la manifestación de la crisis orgánica del capitalismo en su fase tardía en las relaciones ideológicas y políticas contemporáneas. El artículo también destaca los desafíos e inflexiones que enfrentan los Servicios Sociales brasileños frente a este complejo escenario, destacando la importancia de la resistencia y la construcción de alternativas para detener la barbarie del capital.

**Palabras clave:** Crisis Capitalista; Contemporáneo; Capitalismo dependiente; Servicio social; Inflexiones y desafíos.

Recebido em: 20/03/2024

Aprovado em: 28/04/2024



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

## Introdução

“[...] Esse é tempo de divisas.  
Tempo de gente cortada.”

*Carlos Drummond de Andrade*

A contemporaneidade tem expressado, para o conjunto da sociedade, uma série de paradoxos, fruto direto do contexto de aprofundamento da crise do capital. A crise capitalista em curso emerge na década de 1970, do século passado, reconfigurando as expressões da “questão social<sup>1</sup>”, relocando o seu caráter cultural, ideológico e político, numa crise que persiste há mais de meio século. Em nossa particularidade, com a confluência da crise capitalista, com a crise sanitária<sup>2</sup> (causada pela pandemia de COVID-19) e da crise política (iniciada com o *impeachment* da presidenta Dilma, consolidado com a ascensão do governo golpista de Michel Temer e aprofundada com o desgoverno Bolsonaro<sup>3</sup>), os impactos reforçam as características fundantes da formação social e histórica do nosso país, que possuem matrizes num capitalismo escravocrata, patrimonialista, patriarcal e genocida (RAICHELIS; ARREGUI, 2021).

Essa crise, como todas as crises do sistema capitalista, foi gestada na economia, como resultado direto da contradição que estrutura este sistema social (produção coletiva, em contrapartida à apropriação privada dos meios socialmente produzidos). No entanto, essa crise transitou para o ambiente cultural<sup>4</sup>, ampliando as suas expressões nas relações ideológicas e políticas, assumindo o caráter de uma crise orgânica do capitalismo em sua fase tardia (GRAMSCI, 2015; MANDEL, 1982). Repercutindo, a partir do seu agravamento, no contexto de confluência com a crise sanitária e da crise política, no aviltamento das camadas mais pauperizadas e periféricas da classe trabalhadora, configurando um cenário de mortes e de incertezas. A partir dessa devastadora experiência, afirma-se as configurações antissociais do sociometabolismo do capital (ANTUNES, 2020).

<sup>1</sup> “Questão social” apreendida como expressão “[...] das desigualdades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da civilização. Dispondo de uma dimensão estrutural, ela atinge visceralmente a vida dos sujeitos”, naquilo que Ianni (1992) categorizou como uma luta aberta e surda pela cidadania (IAMAMOTO, 2012, p. 160).

<sup>2</sup> A Organização Mundial de Saúde – OMS, em 12 de março de 2020, fez saber a todas as civilizações do planeta que, coletivamente, vivia-se uma pandemia denominada de “*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus-2*” (SARS-CoV-2). A doença trouxe o maior problema de saúde pública no mundo atual e seus reflexos foram percebidos em áreas importantes da sociedade. O novo coronavírus desencadeia uma crise multidimensional, de ampla envergadura sanitária, humanitária, política, econômica e educacional” (BRENNAND, 2022, p. 9).

<sup>3</sup> Conforme destacado na conjuntura apresentada por Ferreira 2023 e Souza, Melo e Nogueira, 2023.

<sup>4</sup> Em outra ocasião (SILVA, 2023), traçamos os vínculos entre a cultura e a materialidade, externando os vínculos entre a categoria e o real, lançando importantes chaves teóricas para apreensão qualificada sobre a totalidade da vida social. Uma boa síntese da obra em questão, pode ser conferida em: SOUZA, F. M. Práticas sociais, cultura e produção de conhecimento em serviço social. *Open Minds International Journal*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 132–135, 2023a. DOI: 10.47180/omij.v4i3.272. Disponível em: <https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/272>.

Esse contexto histórico é marcado pela interconexão entre o capital, a tecnociência e as regulações públicas que atingem novos patamares a partir dos anos de 1970, com a ampliação e a disseminação das tecnologias da informação/comunicação (TICs) e da inteligência artificial (IA). Em suma, a informação foi potencializada e transfigurada em insumos para os fluxos de capital nos seus diferentes segmentos. Através desses meios técnicos, foi possível um conjunto de flexibilizações na economia, junto com a ampliação do espectro da financeirização e do próprio estágio avançado de mundialização do capitalismo, conhecido como reestruturação produtiva pós-fordismo e neoliberalização (ANTUNES, 2020).

Assim, essa nova temporalidade histórica do capitalismo demanda mais um processo de reestruturação produtiva, externando uma ofensiva direta ao mundo do trabalho, que atinge as dimensões da materialidade e da subjetividade, na perspectiva de estabelecer renovadas bases materiais e espirituais de dominação (GRAMSCI, 2015). Uma tendência direta desses mecanismos é que “[...] a partir da década de 1970, o sistema [impulsiona] uma verdadeira ‘revolução cultural’ com o pós-modernismo e a disseminação dos valores neoliberais” (ALVES, 2022, p. 43).

A fúria do processo de reestruturação do capital externa-se enquanto uma reação às mais diversas esferas da vida social. Repercutindo em profundos impactos na morfologia da classe operária. A crise sanitária, portanto, é responsável por desnudar as respostas que o capital vinha respondendo às suas crises “[...] como estratégia do capital para reverter a queda tendencial das taxas de lucro, em um movimento estrutural de superprodução e subconsumo” (RAICHELIS; ARREGUI, 2021, p. 139).

É certo que essa crise capitalista se expressa primeiro na economia, tendo em vista a contradição fundamental que sustenta este modelo de produção. Mas também é certo que ela transita para a esfera ideológica, ampliando as suas expressões nas relações sociais de reprodução deste sistema. Essa crise assume a dimensão de crise orgânica do capitalismo, demandando a construção de processos ideológicos que sejam capazes de “esconderem mostrando” tais contradições, constituindo um verdadeiro muro de pedras (IASI, 2022).

Estruturalmente, a precarização do trabalho assume novas configurações na atualidade, atingindo frontalmente o conjunto da classe trabalhadora, externando-se, com diferentes tonalidades, a partir da inserção da divisão social e técnica, sexual e étnico-racial do trabalho (RAICHELIS; ARREGUI, 2021). O processo de erosão do trabalho contratado, regulado e protegido, dominante no século XX, vem sendo atacado, na realidade brasileira, desde os anos 1990, demandando a necessidade da construção de um novo trabalhador, adaptável e flexível.

Assim, o trabalho é reorganizado e há a combinação do velho com o arcaico (OLIVEIRA, 2013), buscando a recomposição das taxas de lucro que, neste contexto, só é possível por meio das massas de lucro (MANDEL, 1982). A financeirização da economia, a reestruturação produtiva e a flexibilização dos postos e dos direitos da classe trabalhadora, como expressão da crise, atingem “[...] diretamente a subjetividade

do trabalho, a sua consciência de classe, afetando seus organismos de representação dos quais os sindicatos e os partidos são expressão” (ANTUNES, 1997, p. 148). Assim, a crise expressa à classe trabalhadora uma ofensiva econômica, cultural, ideológica e política.

Tais transformações no mundo do trabalho impactam os diversos campos profissionais que, à sua medida, irão responder as novas requisições que o Estado burguês elabora, como solução à crise do sistema capitalista. Na realidade brasileira, de economia dependente, mas combinada à lógica de produção do capitalismo internacional, há mudanças significativas que são sentidas pelo conjunto da sociedade, no que diz respeito à organização e da gestão das classes sociais. Externando, portanto, às categorias profissionais, novas determinações e inflexões.

A partir dessas reflexões iniciais, a nossa proposta é traçar mediações que busquem apreender as configurações do trabalho na contemporaneidade e as inflexões para o Serviço Social brasileiro, particularizando questões de etnia, raça, gênero e sexualidade. Para isto, nossa exposição estará dividida da seguinte forma: no primeiro momento iremos apresentar a fúria do processo reestruturador do capitalismo. No segundo momento, as inflexões postas ao Serviço Social e as particularidades que dizem respeito às questões de raça, etnia, gênero e sexualidades. Por fim, apresentaremos as nossas considerações.

### **A Crise Capitalista Contemporânea: a fúria da reestruturação produtiva em curso**

“[...] Não se queira.  
Viver é muito perigoso...”

*Guimarães Rosa*

Como já mencionamos, a pandemia de COVID-19 não é responsável pela crise contemporânea em curso. Sua origem se dá muito antes, a partir do metabolismo social do capital (Antunes, 2020). Marx (2017) já nos chamava a atenção na necessidade primeira da ordem do capital que é a manutenção da taxa de lucro, em patamares que possibilitem aos capitalistas o acúmulo exponencial de riquezas. As crises, portanto, devem ser apreendidas como fenômenos constituintes do metabolismo do capital, sendo causadas quando a manutenção da taxa de lucro não pode ser mantida. Neste sentido, o metabolismo do capital é cada vez mais autofágico, buscando cada vez mais a produção de mais capital (ANTUNES, 2020). Trata-se, todavia, de uma engrenagem econômica que não possui limites para sua expansão, exarando, para o conjunto da sociedade, uma série de processos altamente destrutivos à existência da própria humanidade.

Ao final da década de 1960, depois de vivenciar a era “gloriosa de ouro”, o capital adentra em um longo período crise. Essa crise traz consigo novas configurações, externando uma profundidade e uma amplitude inéditas, em comparação às demais crises conjunturais do capitalismo (CASTELO, 2013).

Segundo Antunes (2020), essa crise não se trata de uma crise do sistema capitalista, mas do próprio capital. Neste sentido, a crise orgânica do capital, o que Gramsci (2015) categorizou de crise de grandes proporções, surge quando as grandes contradições do capital são expostas, tendo em vista o descompasso entre o avanço revolucionário das forças produtivas e a manutenção de antigas formas de relações sociais de produção.

A partir das contribuições de Gramsci (2015), podemos aferir que as transformações operadas na estrutura (base material de produção) precisam também acontecer na superestrutura (reprodução social) para consolidação da hegemonia. Neste sentido, a cultura nasce na materialidade e se expressa nas subjetividades – que são ideologicamente orientadas aos interesses do capitalismo – a fim de reafirmar as transformações que são operadas na materialidade, mostrando que as brilhantes reflexões que Marx e Engels (2009) fizeram, na Ideologia Alemã, estão atualíssimas. A partir desse horizonte analítico, podemos compreender as estratégias gestadas pelo capitalismo em crise, no pós-1970, a fim de possibilitar a reversão da sua própria crise, por meio da destruição do bloco histórico fordista-keynesiano.

Essas estratégias, gestadas pelo capitalismo, a fim de reversão, nada mais são do que a permanente necessidade de elaboração de respostas do capital às suas próprias crises, o que conceitualmente conhecemos como reestruturação produtiva (DIAS, 1999). A direção do atual processo de reestruturação produtiva está fincada no projeto neoliberal. O receituário desse projeto propõe que o Estado continue forte, possibilitando o combate às organizações da classe trabalhadora, mas também o reorienta na diminuição das suas ações sobre as expressões da “questão social” que, por meio de políticas sociais focalizadas, substituirão as ações universais, do período do *welfare state*.

Neste sentido, o receituário neoliberal expressa-se enquanto uma furiosa ofensiva do capitalismo na busca, a todo custo, de apropriar-se de novas formas de valorização do valor, que devem estar em sintonia com as atuais configurações da sua expansão. Ocorrendo na esfera da materialidade e da subjetividade, constituindo um ideário funcional à reestruturação produtiva do capital. A fúria da reestruturação produtiva em curso tem como propósito a construção de um “[...] projeto de classe destinado a restaurar e consolidar o poder do capital, privatizando lucros e socializando custos” (HARVEY, 2011, p. 34). Incide, portanto, diretamente nas conquistas civilizatórias da classe trabalhadora, as quais foram fruto de lutas históricas e não da benemerência do Estado.

A tendência posta, no atual contexto sócio-histórico, é de uma profunda regressão civilizatória, a qual é amplificada pela crise sanitária da COVID-19. No entanto, Marx (2017, p. 598) já nos afirmara que o “[...] capital é contradição em processo”, ao mesmo passo que a ofensiva neoliberal expressa a sua fúria, ela também externa, a partir da experiência pandêmica, as fragilidades e as limitações das políticas públicas neoliberais. Apesar da externalização dessas contradições, nota-se que há uma “[...] duradora ofensiva do pensamento burguês no que se refere à fragmentação e à fetichização da vida social, por um lado, e à

SILVA, F. J. S. *Desafios e inflexões para o Serviço Social brasileiro diante do aprofundamento da crise capitalista contemporânea*. *Open Minds International Journal*. São Paulo, vol. 5, n. 1: p. 86-98, Jan, Fev, Mar, Abril/2024.

reatualização das práticas e ideologias conservadoras, necessárias à reprodução do capitalismo contemporâneo” (MOTA; AMARAL, 2016, p. 31).

Segundo Alves (2022), a partir das reflexões lukacsianas, presenciamos um aprofundamento da decadência ideológica da burguesia, que se revela, desde 1848, como um traço histórico da reprodução social capitalista. No entanto, a partir da década de 1960, temos a decadência ideológica do capital, que ora é referendado pelo novo espírito do tempo (LYOTARD, 2009), repercutindo nas formulações de “teorias” – ditas – pós-modernas.

Vejamos, o processo de reestruturação produtiva, orientado pelo ideário neoliberal, expressa a sua fúria em processos materiais e imateriais que incidem, diretamente, nas conquistas da classe trabalhadora, como, também, à naturalização e à negação dos fundamentos da crise deste sistema social. Externando, assim, essa nova temporalidade histórica do capital, sendo a fase do capitalismo tardio manipulatório (ALVES, 2022).

A era da manipulação (ALVES, 2022), assim, é uma peça-chave para compreendemos os mecanismos ideológicos do capitalismo para conformação dos atuais processos de reestruturação em curso. Sobretudo, porque o capitalismo “[...] tornou-se proprietário de toda a indústria de produção, de toda a indústria de bens de consumo e de todos os serviços” (ALVES, 2022, p. 49). O capitalismo, assim, amplia, intensifica e aperfeiçoa os meios de produção, possibilitando a falsa ideia do desaparecimento do trabalho vivo e a sua pronta substituição pelo trabalho morto<sup>5</sup>. O sujeito trabalhador vai sendo substituído pela imagem do empreendedor que, em suma, carrega consigo a autorresponsabilização do sujeito pela sua própria reprodução. Temos, assim, a externalização da função da ideologia que é mostrar-se negando-se.

O resultado concreto desses mecanismos ideológicos é a constituição de um complexo novo mundo do trabalho, sustentado pela “[...] uberização do trabalho, distintos modos de ser da informalidade, precarização ilimitada, desemprego estrutural exacerbado, trabalhos intermitentes em proliferação, acidentes, assédios, mortes e suicídios” (ANTUNES, 2020, p. 11). Esse novo mundo do trabalho, na verdade, externa uma nova morfologia da classe trabalhadora, que se expande e se desenvolve nessa era da manipulação de informações e de plataformas e aplicativos digitais. Temos, não só, a constituição de um novo mundo de trabalho, mas de um novo trabalhador, ou seja, de um novo *ethos* do trabalho.

A contemporaneidade, assim, expressa a tendência furiosa do processo de reestruturação do capital, externando uma totalidade que é completamente deformada (ANTUNES, 2020). A hegemonia do

---

<sup>5</sup> Segundo Marx (2017), o trabalho vivo não diz respeito a qualquer ser vivo, mas, sim, à força de trabalho formalmente livre, ou seja, dos trabalhadores e das trabalhadoras que representam uma força remunerada que, combinada com o trabalho morto (os produtos do trabalho, como: as máquinas, matérias primas etc.), é capaz de produzir um valor a mais do que já é contido neles: o mais-valor. O capital é, neste sentido, “[...] trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo ele suga” (MARX, 2017, p. 307).

capital financeiro concebe o trabalho enquanto custo, demandado a construção de uma cultura que deve orientar, ideologicamente, o trabalho para uma produtividade cada vez mais destrutiva e intensificada, sendo vendida como caminho para alcançar a autorrealização. Na verdade, esses mecanismos ideológicos, escondem a descartabilidade da força de trabalho pelo capitalismo contemporâneo. Soma-se a esta temporalidade histórica a incorporação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) que se “[...] encontram plasmadas, impulsionadas e comandadas pelas relações capitalistas em sua forma mais destrutiva, o quando vem se agravando sobremaneira” (ANTUNES, 2020, p. 11).

### Serviço Social brasileiro na Contemporaneidade: desafios e inflexões

“[...] Visito os fatos, não te encontro.

Onde te ocultas, precária síntese?”

*Carlos Drummond de Andrade*

O tempo presente é marcado pela aridez de projetos, consubstanciado por um mar de individualidade, pelo aumento expressivo das desigualdades, das violências, do ódio, do horror e da fúria reestruturadora do capital. A Pandemia da COVID-19 externou, ainda mais, os horrores do capitalismo. Passada a sua fase aguda, quando escrevemos este texto, o mundo vivencia as atrocidades de uma guerra<sup>6</sup> que, na verdade, é um genocídio a uma população inteira.

É um momento de conformação e de naturalização, tendo em vista que a perspectiva crítica tem sido minada, desacreditada e refutada por pressupostos teóricos que possuem uma clara função: a reificação do real. A totalidade social tem se apresentado caótica, fragmentada e deformada (ANTUNES, 2020). A produção de conhecimento, que deveria captar a essencialidade dos fenômenos, foca nas superficialidades e temos a constituição de um conhecimento funcional ao atual contexto sócio-histórico do capitalismo.

A cultura é subsumida pela economia e reproduz a fragilidade, a fragmentação e o consumo imediato, a fim de impossibilitar a reflexão sobre o cotidiano. Ao mesmo passo, amplia-se a esfera da manipulação que orienta os sujeitos a um determinado modo de ser, cada vez mais anti-humano. Alargar-se, neste contexto, a elaboração de Inteligências Artificiais (AI) que são responsáveis por pensar, produzir músicas, poesias, pintar quadros, enfim, todas as produções artísticas que são responsáveis por elevar o homem a sua condição mais humana. Contraditoriamente, o trabalho escravo, precário, desumano e

---

<sup>6</sup> Em 7 de outubro de 2023 eclode, após um ataque do Hamas a Israel, a Guerra na Faixa de Gaza. Até o 175º dia de guerra, segundo a BBC Brasil, pelo menos 32.623 pessoas haviam morrido e mais de 75.092 estavam feridas. Cf.: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clwe05xqjxno#:~:text=Mortes%20de%20jornalistas%20e%20agentes%20humanit%C3%A1rios&text=Mais%20de%20196%20trabalhadores%20humanit%C3%A1rios,opera%C3%A7%C3%A3o%20de%20ajuda%20em%20Gaza>.

destrutivo tem sido a direção dessa sociabilidade. Em suma, demos às máquinas as condições da humanidade e nos desumanizamos pelo trabalho.

As investidas conservadoras expressam-se na política que, por meio da democracia e do voto popular, tem levado protofascistas aos governos. Preocupa-nos, a adesão popular a este ideário, mas este movimento reafirma os traços fundamentais da nossa formação social e histórica. Apesar da vitória no executivo federal, o Parlamento brasileiro fora constituído, pelas últimas eleições, com representantes expressivos do que há de pior da nossa política, com traços reacionários e conservadores e com delírios negacionistas<sup>7</sup>. A História carrega consigo contradição e não podemos deixar de exarar os avanços que tivemos no Parlamento, nas últimas eleições, com as candidaturas de duas mulheres transexuais e da primeira indígena a ocupar um cargo no legislativo. São poucos os avanços, mas são importantes.

Frente a esta conjuntura, o Serviço Social brasileiro resiste, preservando e estimulando a formação de profissionais capazes de se indignarem com as injustiças sociais, nutrindo a esperança por dias mais humanos. Ainda presenciamos profissionais que buscam o aperfeiçoamento permanente, demonstrando o compromisso com a qualidade dos serviços prestados. A autoimagem da profissão representa os caminhos trilhados pela intenção de ruptura, externando o Projeto Ético-Político Profissional.

É uma categoria profissional exclusivamente de nível superior. A pós-graduação da área está consolidada contando, atualmente, com 36 (trinta e seis) Programas de Pós-Graduação em 2023, sendo 16 (dezesseis) deles que ofertam cursos de mestrado e 20 (vinte) que ofertam cursos de mestrado e de doutorado. A prevalência da pós-graduação em Serviço Social se dá em universidades públicas com a ênfase em Serviço Social, Políticas Públicas e Políticas Sociais, conforme dados disponíveis na Plataforma Sucupira<sup>8</sup>.

Apesar das resistências, a profissão é inflexionada por este contexto sócio-histórico, tendo em vista as metamorfoses no mundo do trabalho, incidindo vigorosamente no mercado de trabalho e no exercício profissional das Assistentes Sociais, como nos demais profissionais. Essa temporalidade histórica de “[...] degradação do trabalho e precarização das condições em que ele é exercido, impactando não apenas as condições materiais dos sujeitos que vivem do trabalho, mas também suas sociabilidades individual e coletiva” (RAICHELIS; ARREGUI, 2021, p. 143). O ideário neoliberal corrói os sistemas públicos, sendo o foco a destruição das políticas de proteção social, eliminando, assim, postos de trabalho.

---

<sup>7</sup> Apreendemos o negacionismo como sendo um fenômeno que consiste em negar, minimizar ou distorcer os fatos históricos, científicos e sociais, muitas vezes com o intuito de justificar ideologias ou comportamentos controversos e perpetuar e naturalizar preconceitos e discriminações. O termo é frequentemente utilizado em relação a negações do Holocausto, da escravidão, do racismo estrutural e das mudanças climáticas, entre outros temas sensíveis (SOUZA, 2023b; SZWAKO; RATTON, 2022).

<sup>8</sup> Cf.: <https://sucupira-v2.capes.gov.br/sucupira4/painel/ReportSection5c9caa3192d247185e2>.

Em relação às condições de trabalho, como trabalhadoras<sup>9</sup> assalariadas, a profissão vive os mesmos processos de degradação e de violação de direitos vivenciado pelos demais trabalhadores e trabalhadoras, como a inserção de profissionais na política de Assistência Social, como expressão da precariedade dos salários, do desemprego estrutural e do constante processo de perda de direitos, carro chefe do ideário neoliberal (RAICHELIS; ARREGUI, 2021). As contratações acabam sendo as mais diversas, construindo um perfil heterogêneo de profissionais do serviço público, sendo: contratados, terceirizados, estatutários etc. Impacta, assim, na compreensão, por parte de alguns profissionais, da coletividade da luta, repercutindo em posturas isoladas, competitivas e que alimentam o horizonte do neoliberalismo, em contramão ao horizonte do Projeto Ético-Político.

No campo da formação profissional, acreditamos que já esteja consolidada os estudos e pesquisas que sinalizam a ameaça que o ensino privado, com prevalência do ensino a distância (EaD), representam a cultura crítico-profissional, tendo em vista a clara direção pragmática-instrumental-funcionalista aos interesses do capitalismo. No entanto, passada o período de isolamento da pandemia, as universidades públicas têm presenciado um novo perfil de alunado descompromissado, desinteressado e desestimulado. Há uma busca pelo diploma, mas não há uma preocupação por uma formação de qualidade e comprometida com esse projeto que fora construído pela categoria. Há de se questionar quais as respostas, encaminhamentos, resistências que as instituições públicas têm dado a estas inflexões.

Os ataques às universidades públicas são o norte do receituário neoliberal, certamente. A pandemia trouxe uma série de consequências à classe trabalhadora, sobretudo, no que diz respeito ao rebaixamento da cultura e de uma formação tecnicista e empobrecida, tendo como carro chefe a reforma em curso do ensino médio. São tendências universais que conformam e constrói um perfil de sujeito específico e funcional, mas essa tendência tem sido compreendida, por segmentos profissionais, como sendo um determinismo social, portanto, impossível de se superar, nos levando para um processo de conformação e de aceitação que repercute na cultura crítico-profissional da categoria, negando-a. Temos, assim, uma tendência que exara uma falsa crença que o projeto de eversão não daria conta de apreender – na perspectiva de transformar – o real.

### **Raça, Etnia, Sexo e Sexualidades: a individualização da luta coletiva**

“[...] Quanto a mim,  
ofereço o meu rosto ao vento.”

*Clarice Lispector*

---

<sup>9</sup> Segundo os dados apresentados na pesquisa intitulada: “O Perfil de Assistentes Sociais no Brasil: formação, condições de trabalho e exercício profissional”, do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), em 2022, o total de 41.083 profissionais, ou seja, 92,92% dos 44.212 participantes desta pesquisa, se identificam com o gênero feminino, justificando o nosso uso deste pronome, ao nos referirmos ao coletivo das profissionais do Serviço Social no Brasil.

Nossas reflexões em torno das categorias raça/etnia, sexo e sexualidade irão partir da compreensão que essas se apresentam imbricadas na realidade social, assim, como, são fundantes desta e que elas não se apresentam isoladamente uma das outras. Neste sentido, a nossa apreensão em torno da sociedade capitalista deve partir da compreensão que “[...] as classes sociais não são meras abstrações, mas sim relações sociais que envolvem antagonismos inscritos em uma materialidade de corpos reais, que possuem sexo/sexualidade, raça/etnia” (CISNE, 2018, p. 2013).

Ao partirmos desse pressuposto teórico, não estamos propondo uma análise fragmentária da classe social. Pelo contrário, buscamos entender as particularidades da classe para que possamos compreendê-la na sua totalidade, sem perder a sua unidade e sem redução do debate à esfera identitária, que dão ênfase às diferenças, à fragmentação e ao isolamento. Cumprindo, portanto, um papel ideológico claro: a não identificação em torno de um projeto coletivo classista e emancipatório (CISNE, 2018).

Na sociabilidade capitalista as categorias raça/etnia, sexo/sexualidades são construídas e vivenciadas pelos sujeitos históricos enquanto um sistema de opressão que possuem a finalidade de extração ainda maior de mais valor. A partir deste horizonte analítico, podemos compreender que as opressões repercutem sobre a vida da classe trabalhadora e recai mais fortemente sobre a vida das mulheres negras, tendo em vista que essa sofre a articulação entre o sexismo e o racismo. Para Carneiro (2003) a partir do racismo e da consequente hierarquia racial construída, ser negra significa assumir uma posição inferior, desqualificada e menor.

Segundo Fernandes (2017), mesmo que o trabalho seja uma mercadoria, havendo, assim, uma composição multirracial-étnica/sexo-sexualidade, nem sempre os trabalhos iguais são mercadorias iguais. Ou seja, à formação do capitalismo no Brasil, foi fundamental tratar a força de trabalho como mercadorias desiguais, tendo em vista que isso incide no valor da força de trabalho e no pagamento dos salários, como elemento estrutural à formação da classe trabalhadora em nosso país.

Neste sentido, Cisne (2018) afirma que as diversas opressões e explorações que se expressam na vida dos indivíduos são determinadas estruturalmente pelas relações sociais de sexo/sexualidade, raça/etnia e classe sociais, que de forma imbricada e dialética configuram as múltiplas expressões da “questão social”, tanto na dimensão da desigualdade, como na de resistência política. Portanto, estamos apreendendo as relações sociais de sexo/sexualidade, raça/etnia e de classe como antagônicas e estruturantes, pois determinam materialmente a exploração do trabalho, por meio da divisão de classe e da divisão étnica-racial-sexual do trabalho.

A furiosa ofensiva reestruturadora do capitalismo busca, como já apontamos, apropriar-se de novas formas de valorização do valor. Esse processo expressa tanto na materialidade, como na subjetividade, buscando a construção de um ideário funcional a este momento sócio-histórico do capital. Em suma, o foco

é a construção de um projeto de classe direcionado à restauração e a consolidação do poder do capital, por meio da privatização dos lucros e da socialização dos custos (HARVEY, 2011). Assim, podemos aferir como o corpo da classe trabalhadora, mais precisamente, da população negra, de mulheres, povos originários e LGBTQIAP+<sup>10</sup>, é direcionado para os postos de trabalho mais precários e vivem a intensificação da uberização do trabalho, da informalidade, da precarização ilimitada, do desemprego estrutural, de trabalhos intermitentes, de assédios, mortes e suicídios (Antunes, 2020). Como se sabe, esses elementos apresentam-se enquanto tendência à classe trabalhadora, certamente, mas também é certo que eles são ampliados aos segmentos tidos como “minoritários” desta classe social.

### Considerações

“[...] tem dias que a gente se sente,  
como quem partiu ou morreu.”

*Chico Buarque de Holanda*

Nossas reflexões, neste texto, estiveram organizadas em três partes principais. Na primeira parte, foram apresentadas as origens e manifestações da crise do capitalismo, destacando seu impacto na sociedade brasileira e as características históricas do sistema capitalista no país. Em seguida, a segunda parte abordou a crise orgânica do capitalismo em sua fase tardia, analisando como essa crise se manifesta nas relações ideológicas e políticas contemporâneas, especialmente no contexto brasileiro. Por fim, a terceira parte do artigo discutiu os desafios e inflexões enfrentados pelo Serviço Social brasileiro diante da crise do capitalismo, ressaltando a importância da resistência e da construção de alternativas para enfrentar os impactos dessa crise na sociedade.

As atuais configurações contemporâneas são desalentadoras e expressam um verdadeiro descontentamento ao mundo. No entanto, ao insistirmos em ir mais fundo, apreendemos as contradições e somos surpreendidos pela resistência da classe trabalhadora. Querem nos aludir que o trabalho acabou e que assim, nos resta a conformação a este momento histórico.

---

<sup>10</sup> A sigla LGBTQIAP+ tem como objetivo representar a diversidade de identidades e orientações sexuais. Cada letra representa um grupo diferente dentro desse espectro: L: Lésbicas, mulheres que se sentem atraídas por outras mulheres. G: Gays, homens que se sentem atraídos por outros homens. B: Bissexuais, pessoas que sentem atração tanto por pessoas do mesmo gênero quanto de outros gêneros. T: Transgêneros, pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Q: *Queer* ou *Questioning*, termo que representa pessoas que não se identificam com as normas de gênero e/ou sexualidade ou que ainda estão explorando sua identidade. I: Intersexuais, pessoas que possuem características biológicas que não se encaixam nas definições típicas de sexo masculino ou feminino. A: Assexuais, pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas ou que sentem muito pouco. P: Pessoas Pansexuais, que são atraídas por pessoas independentemente de seu gênero. O sinal de "+" no final da sigla é uma forma de incluir outras identidades e orientações sexuais que podem não ser representadas pelas letras da sigla (NASCIMENTO, 2021).

O sistema capitalista tem expressado o seu exaurimento e externando um profundo agravamento anticivilizatório e anti-humano. As mudanças climáticas têm se colocado uma verdadeiro desafio à permanência da humanidade, assim, como, as ofensivas bélicas, como um espaço para obtenção de mais-valor do capital, uma escolha para valorização do valor. A vida humana, neste contexto histórico, tem sido cada vez mais banalizada e a barbárie social ganha contornos assustadores e devastadoras.

Apesar desse contexto histórico, marcado por tantos paradoxos, reforçarmos que a História só será iniciada com o fim do capitalismo, como já afirmara Marx (2017). Pensamos que as experiências de resistência, de denúncia e de organização de fragmentos da classe trabalhadora externam não só o descontentamento a este sistema social, mas a possibilidade da construção de uma nova manhã. O grande desafio é espriar a necessidade da construção, a fim de barrar a barbárie do capital.

Soma-se a estas preocupações, a resistência à direção crítica, externada ao conjunto da profissão, pelo Projeto Ético-Político Profissional. Há, na contemporaneidade, uma tendência que se expressa em um terreno fértil para o retorno e do fortalecimento de práticas conservadoras, reacionárias e autoritárias que colidem com a propositura do projeto profissional hegemônico no Serviço Social brasileiro. Como já cantou Gal Costa: “[...] é preciso estar atento e forte. Não temos tempo de temer a morte.”

## Referências

ALVES, G. O Triunfo da Manipulação. In: ALVES, Giovani; SANTOS, Ariovaldo. **O Espectro de Lukács**: política, estética e estranhamento na era da barbárie social. 1ªed. Marília, SP: Projeto Editorial Práxis, 2022.

ANTUNES, R. **Coronavírus**: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo: 2020.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho**: ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 3ªed. São Paulo: Cortez, 1997.

BRENNAND, E. G. G. Prefácio. In: XAVIER, M. M.; SERAFIM, M. L.; SILVA, M. P. B.; ALMEIDA, S. N. C. B. (org.). **Professor, cadê o link?**: dossiê ensino remoto emergencial. São Paulo: Mentis Abertas, 2022. p. 9-15.

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados**. São Paulo: Brasil, v. 17, n. 49, p. 117–133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CASTELO, R. **O Social Liberalismo**: auge e crise da supremacia burguesa na era neoliberal. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CISNE, M. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2018.

DIAS, E. **A Liberdade (im)possível na Ordem do Capital**: reestruturação produtiva e passivização. 2ª Ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 1999. (Textos didáticos).

FERREIRA, C. E. R. Pensar e escrever sobre o tempo presente na obra “O discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo”. **Open Minds International Journal**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 128–132, 2023. DOI: 10.47180/omij.v4i3.271. Disponível em: <https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/271>. Acesso em: 30 abr. 2024.

- FERNANDES, F. **Significado do Protesto Negro**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**: temas de cultura, ação católica, americanismo e fordismo. Tradução Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sérgio Henriques. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- HARVEY, D. **O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.
- IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- IAMAMOTO, M. V. O Serviço Social brasileiro em tempos de mundialização do capital. In: IAMAMOTO, M. V.; YAZBEK, M. C. **Serviço Social na história**: América Latina, África e Europa. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2019.
- IANNI, O. **A Ideia do Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- IASI, M. L. **Consciência e Ideologia**: para além dos muros de pedras: ensaios. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2022.
- LYOTARD, J. F. **A Condição Pós-Moderna**. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MANDEL, E. **O Capitalismo Tardio**. Tradução Carlos Eduardo Silveira Matos; Régis de Castro Andrade; Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os Economistas).
- MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. (Livro I: o processo de produção do capital). (trad. Rubens Enderle). 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MOTA, A. E.; AMARAL, A. S. Serviço Social brasileiro: cenários e perspectivas nos anos 2000. In: MOTA, A. E.; AMARAL, A. S. **Cenários, Contradições e Pelejas do Serviço Social Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- MOTA, A. E. Serviço Social brasileiro: insurgência intelectual e legado político. In: SILVA, M. L. O. **Serviço Social no Brasil**: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- OLIVEIRA, F. **Crítica à Razão Dualista**: o ornitorrinco. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- RAICHELIS, R.; ARREGUI, C. C. O Trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia. In: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 140, p. 134-152, jan./abr. 2021.
- SILVA, F. J. S. **Cultura e produção de conhecimento em Serviço Social**. São Paulo: Mentis Abertas, 2023. 213 p.
- SOUZA, F. M.; MELO, F., NOGUEIRA, S.G. **Discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo**. São Paulo: Mentis Abertas, 2023.
- SOUZA, F. M. Práticas sociais, cultura e produção de conhecimento em serviço social. **Open Minds International Journal**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 132–135, 2023a. DOI: 10.47180/omij.v4i3.272. Disponível em: <https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/272>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- SOUZA, F. M. Editorial. **Open Minds International Journal**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 6–7, 2023b. DOI: 10.47180/omij.v4i3.241. Disponível em: <https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/241>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.